

## Editorial

---

Ler o mundo. A condição bicultural da pessoa surda, traduzida em práticas culturais próprias dos surdos — criações narrativas ou poéticas, contação de histórias, piadas, brincadeiras — e na inserção em um sistema cultural próprio da nação e do lugar onde vivem implica a constituição do surdo como identidade e como sujeito.

Tal condição, no sentido identitário, implica (re)conhecer a si — no significado de ser um surdo brasileiro, no aprendizado e uso da LIBRAS, no exercício de práticas compartilhadas nessa língua — e ao outro (ouvinte brasileiro) — no aprendizado e uso da língua portuguesa, no exercício de práticas compartilhadas nessa língua. Esse duplo (re)conhecimento é a lente que possibilita ao surdo a leitura do mundo e a integração da experiência sob a perspectiva do contraste e do diálogo das diferenças.

A presente edição de Arqueiro traz textos que nos ajudam a refletir sobre essa dimensão como base para a constituição dos surdos como sujeitos.

Na educação sexual, não atentar para esses aspectos lingüísticos e culturais gera lacunas — em termos de recursos humanos, metodologias, materiais pedagógicos — que dificultam a comunicação e a leitura de si e do mundo por parte do surdo. Pensar a educação sexual como parte do processo de formação integral dos surdos, como indica Feltrini, é partir da LIBRAS e da biculturalidade surda e trabalhar o acesso à informação, a auto-valorização e a afirmação identitária como pontes para a convivência e a realização (inter)peçoal.

O relato acerca do Programa Integrarte, realizado pelo Centro Educacional do Deficiente Auditivo, do Centrinho de Bauru (HRAC-USP), mostra-nos o potencial integrador da arte e do artesanato. Novamente, percebemos que a descoberta, em si, de um potencial a desenvolver, bem como a auto-valorização que advém das situações de criação individual e coletiva, fortalecem a pessoa e suas relações familiares e sociais.

O texto *O fortalecimento da identidade* surda, por sua vez, assinala a importância de que as práticas educativas tenham como ali- cerce a realidade, as criações e as práticas culturais das pessoas sur-

das. O projeto pedagógico realizado sob a forma de pesquisa-ação, que parte da piada surda em vídeo para a escritura em Português — passando pela interlíngua e pela reestruturação coletiva e aberta a registros individuais — possibilitou o contraste, o diálogo e a autoconfiança no aprendizado da L2 por parte dos alunos surdos.

No campo das novas tecnologias, temos um estudo de caso acerca das possibilidades de aplicação de *softwares* educacionais nos processos de ensino e aprendizagem com surdos. Além do papel do professor na mediação do conhecimento e do desafio de lidar com a língua portuguesa, os autores ressaltam a importância da LIBRAS e dos projetos pedagógicos.

Na Entrevista, surdos e ouvintes trazem suas perspectivas sobre os avanços e desafios da regulamentação da Lei de LIBRAS no contexto escolar e universitário, enfatizando o papel de intérpretes e monitores, a formação de profissionais habilitados e a importância da LIBRAS para o exercício da cidadania pelos surdos.

A afirmação da língua e da identidade surdas e a integração da experiência com base nas práticas culturais das comunidades surdas fortalecem os surdos no contato, no contraste, no conhecimento e no diálogo com outras identidades (deles mesmos, inclusive), outras línguas (inclusive a portuguesa), outras práticas.

A beleza dessa leitura de si e do mundo por uma lente bicultural, vivida pelos surdos, reside na possibilidade de que viver essa diferença seja base para novas formas de convivência. Nessa perspectiva, valorizar e exercer o direito à diversidade desde a educação pode nos ajudar — surdos e ouvintes — a construir, como sujeitos, o sentido comum e emancipador da experiência humana, de escrever a própria história — de escrever o mundo.

Alexandre Guedes Pereira Xavier